

VERÍSSIMO, Marcos. Maconheiros, Fumons e Growers: um estudo comparativo do consumo e de cultivo caseiro de canabis no Rio de Janeiro e Buenos Aires. Autografia, 2017.

Betânia de Oliveira Almeida de Andrade¹

O livro “Maconheiros, Fumons e Growers: um estudo comparativo do consumo e de cultivo caseiro de canabis no Rio de Janeiro e Buenos Aires”, do antropólogo Marcos Veríssimo, foi publicado em 2017 pela Editora Autografia na coleção conflitos, direitos e sociedade. O Professor é Doutor e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, Especialista em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública pela Universidade Federal Fluminense e Pesquisador associado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT – InEAC).

Este livro tem como origem pesquisa de Doutorado em Antropologia no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, orientada pelo Professor Roberto Kant de Lima. Traz uma relevante contribuição para a melhor compreensão de nossos sistemas de administração institucional de conflitos, assim como produz uma importante reflexão sobre a política de drogas. Consiste em uma pesquisa etnográfica, desenvolvida através de uma comparação por contraste, na Argentina e no Brasil, sobre as práticas e representações sobre experiências culturais do consumo e cultivo de *cannabis*. Enfatiza suas proximidades e distanciamentos a partir de uma análise das representações conceituais que envolvem esse fenômeno.

O problema de pesquisa é construído a partir do que se convencionou chamar de “cultura canábica”. O autor descreve formas de socialização, ritos, conflitos, práticas e estratégias dos diferentes atores em relação à produção e consumo de maconha nas duas cidades: Rio de Janeiro e Buenos Aires. As práticas que tornam o maconheiro um

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF. Tutora no curso Tecnólogo em Segurança Pública e Social da UFF (CEDERJ-CECIERJ). Pesquisadora associada ao INCT-InEAC e ao LABIAC.

cultivador são compreendidas como uma busca pela libertação, o que é lido a partir da busca pela independência do mercado ilícito da maconha.

O primeiro capítulo, intitulado “Germinação: introdução a uma etnografia sobre usos e cultivos urbanos de maconha”, é utilizado pelo autor para realizar uma descrição do processo de aproximação com seus principais interlocutores. O interlocutor chave, nomeado como “Ézio”, é caracterizado como a pessoa que tornou possível a inserção nas redes de usuários e cultivadores de maconha nas respectivas cidades.

No segundo capítulo, intitulado “Crescimento: construção e desconstrução da ‘cultura canábica’”, o autor analisa as configurações culturais que se produzem de maneira plural a partir da noção de sociabilidade da chamada “cultura canábica”. Empreende-se numa busca para descrever e interpretar as formas de socialização, ritos, conflitos, práticas e estratégias desses atores em relação com a produção e consumo de maconha dessas duas cidades. Trabalha a noção de *cultura canábica* a partir da compreensão desta como configurações culturais que se produzem de maneira plural, analisa as práticas e estratégias que envolvem a produção e consumo de maconha nas duas cidades (Rio de Janeiro e Buenos Aires). Ao destacar o empenho dos cultivadores em “fazer a planta”, o desenvolvimento da análise se inicia com a germinação de sementes ou de uma muda, sempre comparando as raízes cariocas, entre maconheiros e canas, e portenhas, ao meio de *fumons* e *trotskistas*.

Na seção “Usos e mercados” do mesmo capítulo, são destacadas as mediações e conexões entre o mercado legal e o ilegal, o formal e o informal. No que se refere ao mercado legal, é destacado o funcionamento de tabacarias que supostamente seriam voltadas para comercialização do tabaco, mas que na prática comercializam produtos para usos de maconha. Ao descrever o mercado ilegal, destaca-se o comércio lucrativo por intermédio do tráfico de drogas. O cultivo doméstico apresenta-se neste meio termo, em proporção menor, como estratégia de redução de danos para aqueles que buscam alternativas para o consumo desta planta proibida por lei. Para tanto, leva-se em consideração a procedência da maconha oriunda do tráfico de drogas.

No terceiro capítulo, intitulado “Floração: aspectos sociológicos cariocas e portenhas”, é feita a descrição de como ocorrem as florações em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, com enfoque nos cultivadores domésticos de maconha. Neste sentido, este capítulo se inicia sob o prisma da comparação, dando ênfase às distintas sensibilidades

das interações no “espaço público” e o significado do que é este espaço, de acordo com a variação de como os atores percebem as leis que proíbem suas práticas de cultivo. O autor diferencia as experiências e significados nos contextos dos usos de maconha no espaço público.

O quarto capítulo, intitulado “Secado: em torno dos usos do conceito de cultura e de sua pertinência no presente estudo”, se baseia no período de secagem das plantas, quando a planta é colocada em um ambiente próprio para eliminar o sabor da clorofila e os líquidos presentes nos tecidos vegetais para o assentamento das propriedades psicoativas presente nas resinas. O autor constrói um olhar comparativo com o objetivo de estranhar a noção de “subsistência” com base no conceito antropológico de cultura. A partir da categoria “cultura” o autor desenvolve o conceito de “cultura canábica”, assim como os conflitos que surgem daí.

O conceito de “cultura”, compreendido como um dos mais importantes dentro das ciências sociais, é compreendido como tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social. A partir do conceito de “cultura canábica”, o autor analisa como diferentes atores sociais, em Buenos Aires ou no Rio de Janeiro, compreendem tal categoria, assim como de que modo atuam para empreender, reafirmar, ressignificar ou revolucionar os valores que a fundamentam ou a limitam. O consumo de maconha ou outras drogas ilícitas aparecem como um traço dentro da chamada contracultura. A partir destas noções de cultura, o autor se debruça em uma análise antropológica sobre os diferentes grupos sociais que pertencem a este conceito, tais como: “cultura canábica”, “cultura grower”, “cultura do cultivo de maconha” ou dos aspectos “contraculturais” do consumo de maconha.

Ao considerar as diferenças culturais entre o lugar do público, do privado e do íntimo, Veríssimo apresenta as diferenças práticas nos usos dos portenhos e cariocas principalmente no que diz respeito à privacidade. Neste sentido, o direito à privacidade no Rio de Janeiro é compreendido como um privilégio, um dos fatores que desigualam os membros da sociedade. Em contraposição, o direito à privacidade encontra uma configuração distinta na realidade portenha.

No quinto e último capítulo, intitulado “Cura: cultivo e domesticação”, o autor destaca a capacidade que a cultura da jardinagem canábica tem de domesticar aqueles

que a ela se dedicam. Ao analisar as formas de interação entre os growers com suas plantas, a domesticação é entendida como uma via de mão dupla, considera-se que produtor e produto se domesticam mutuamente.

Nas considerações finais, Veríssimo apresenta a existência de configurações culturais distintas, retoma a noção de que o Rio de Janeiro representa “a única monarquia das Américas” e Buenos Aires “a última fronteira do mediterrâneo”. Para tanto, o autor divide a conclusão em duas seções. Na primeira ele exemplifica os processos de estruturação de indivíduos e pessoas, assim como as respectivas configurações culturais particulares e originais. Na outra seção considera o processo de independência do mercado ilícito de drogas, que ocorre quando ao se tornar cultivadores domésticos os cultivadores passam pelo processo de domesticação mútua, pela adesão a práticas, crenças e filosofias de vida. Dessa maneira, Veríssimo, a partir de um tema original, analisa e explana a relação entre cultivadores e maconha de forma igualmente original, pioneira, inovadora e criativa.

Sites consultados:

<https://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Martha,%20Villa/O%20Papel%20da%20Cultura%20nas%20Ciencias%20Sociais.pdf>

Consultado em outubro de 2021